

Há mais espiritualidade no corpo

(cf. Cardeal José Tolentino – *Mística do instante* – Paulinas)

O relato bíblico do Gênesis fala do *“sopro vital”*. É nada menos que o hálito de Deus, o seu Espírito que agora passa a estar ativo em cada vivente, percebido como fonte mesma da existência e codificado nos sentidos e manifestações vitais da pessoa humana. Com a Criação ficou estabelecida uma fascinante e inquebrantável aliança: aquela que une **espiritualidade divina** e **vitalidade terrestre**.

Por onde experimentaremos melhor, a partir de agora, o Espírito de Deus senão no extremo da carne tornada vida? Onde contataremos com o seu sopro senão a partir do barro? Onde nos abriremos à sua tangível passagem senão através dos sentidos?

A concepção bíblica afasta-se das versões “espiritualistas”. Ela defende uma visão unitária do ser humano, em que o corpo não é visto nunca como um revestimento exterior do princípio espiritual ou como uma prisão da alma. No âmbito da Criação, o corpo exprime a imagem e semelhança de Deus.

“O mais espiritual não acontece de outra forma que não na mediação do mais corpóreo” (Louis-Marie Chauvet).

Poderíamos adaptar a frase de Nietzsche – *“há mais razões no teu corpo que na tua melhor sabedoria”* – dizendo que *“há mais espiritualidade no nosso corpo que na nossa melhor teologia”*.

A **vida** é o imenso laboratório para a atenção, a sensibilidade e o espanto que nos permite reconhecer em cada instante, por mais precário e escasso que este seja, a reverberação de uma fantástica **presença**: os passos do próprio Deus. Precisamos olhar de novo o **corpo** que somos e a nossa existência como profecia de um amor incondicional: *“Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho unigênito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna”* (Jo 3,16),

O **corpo** que somos é uma gramática de Deus. É através dele que a aprendemos, e não mentalmente apenas. Merleau-Ponty nos recorda que nos ligamos à nossa língua materna, antes mesmo da aprendizagem linguística, através do corpo: esses signos sonoros tiveram primeiro de habitar-nos, estiveram longamente mergulhados na noturna memória do corpo, inscreveram-se dentro do nosso sono, tatuaram-se na nossa pele. Com a língua de Deus não é de outra maneira.

Maravilhosa imagem é a que vem oferecida pelo **Sl 139**; essa imagem nos mostra que o nosso corpo é ele mesmo língua materna; língua materna de Deus.

Por isso, *“a mística dos sentidos”* em contraponto à “mística da alma”, não poderá ser senão uma espiritualidade que encare os **sentidos** como caminho que conduz e porta que nos abre ao encontro de Deus. Deus espera por nós em tudo o que encontramos. Não se trata de reentrar na esfera íntima e esquecer todo o resto. O desafio é estar em si e experimentar com todos os sentidos a realidade daquilo e daquele que vem.

O desafio é atirar-se para os braços da vida e ouvir aí o bater do coração de Deus. Sem fugas, sem idealizações. Os braços da vida como ela é.

“Accende lumen sensibus” (ilumina os sentidos), recitava uma antiga invocação litúrgica, não deixando dúvidas sobre o necessário envolvimento dos **sentidos** corporais na expressão de fé. Os sentidos do nosso corpo abrem-nos à presença de Deus no instante do mundo. Se estamos com boa saúde, temos ao nosso dispor cinco sentidos (tato, paladar, olfato, visão e audição), mas a verdade é que não os aperfeiçoamos a todos devidamente.

Podemos receber e transmitir informações tão diversas pelos sentidos porque dispomos de um cérebro que elabora e dirige. Mas falta-nos uma educação dos sentidos que nos ensine a cuidar deles, a cultivá-los, a apurá-los. *“Não sei sentir, não sei ser humano”*, escrevia Fernando Pessoa.

E continuava: *“Senti demais para poder continuar a sentir”*. Efetivamente, o excesso de estimulação sensorial em que estamos mergulhados tem um efeito contrário. Não amplia a nossa capacidade de sentir, mas contamina-a com uma irremediável atrofia.

“Ah, se ao menos eu pudesse sentir!” é a proposição do desespero contemporâneo, que advém depois de se ter experimentado tudo, em vertigem e convulsão. Este é o território onde a **mística dos sentidos** pode desempenhar um papel de re-conversor básico, porque nela, o “corpo é informado”. A pele ensina.

Não será tempo de voltarmos aos sentidos? Não será esta uma oportunidade propícia para os revitalizar? Não é chegado o instante de compreender melhor aquilo que une os sentidos e sentido?

A mística dos sentidos pede para tomarmos mais a sério a nossa humanidade como narrativa de Deus que “vive neste mundo”.

Precisamos olhar para a **espiritualidade** como uma arte integral de ser. Observamos muitas vezes em nós mesmos um analfabetismo perante as expressões fundamentais da vida. Até temos certezas, até praticamos, até sabemos, mas há momentos da vida que nos deixam sem palavras, que nos fazem sentir sem apoio; uma doença, uma crise, um incidente, ou, então, uma grande alegria, um grande encontro.

Faltam-nos hoje não apenas mestres da vida interior, mas simplesmente da vida, de uma vida total, de uma existência digna de ser vivida. Faltam cartógrafos e testemunhas do coração humano, dos seus infindos e árduos caminhos, mas também dos nossos cotidianos, onde tudo não é e é extraordinariamente simples.

Faltam-nos uma nova gramática que concilie no concreto os termos que a nossa cultura tem por inconciliáveis: razão e sensibilidade, eficácia e afetos, individualidade e compromisso social, gestão e compaixão, espiritualidade e sentidos, eternidade e instante.

Será que do *instante dos sentidos* podemos fazer uma mística?

Precisamos reencontrar, a partir da fé, uma gramática do humano, mas também, a partir do humano, de um olhar novo para as gramáticas da fé. Pois não há os **sentidos espirituais**, de um lado, contrapostos aos **sentidos naturais**, de outro.

Deus vem ao nosso encontro pelo mais cotidiano, mais banal e próximo dos portais: os **cinco sentidos**. Eles são grandes entradas e saídas da nossa humanidade vivida. Aprendamos a reconhecê-las como lugares teológicos, isto é, como território privilegiado não apenas da manifestação de Deus, mas da relação com Ele.

Aquela palavra de S. João, “*a Deus nunca ninguém o viu*” (1Jo 4,12), trazemo-la como uma ferida. Nenhum de nós viu a Deus. Contudo, a sua presença, a forma como o seu amor nos toca, dá sentido às nossas vidas.

A maior parte das vezes experimentamos apenas o desencontro de Deus, o seu extenso silêncio. Buscamos a Deus sem o ver, acreditamos nele sem o experimentar, escutamos a sua voz sem verdadeiramente o ouvir. Tateamos o seu rosto na ausência e no silêncio. Contudo, ausência e silêncio são lugares que misteriosamente insinuam uma **presença**.

X.X.X.X.X.X.X.